

## FITAS

Luciano Carneiro me contou que para tirar fotografias bem interessantes de um domingo carioca de praia arranjou um helicóptero e correu, bem devagar, Leblon, Ipanema e Copacabana. O sol era forte e as praias estavam cheias, mas a reportagem não tem graça nenhuma: fôdas as fotos são parecidas, porque todo mundo está sempre olhando para cima. Não há um só instantâneo: tudo, em certo sentido, é "pose".

Isso me lembrou o que li há tempos, em um livrinho de divulgação científica, sobre os limites do conhecimento humano para os lados do infinitamente pequeno. Certos fenômenos não podem ser bem observados porque o simples fato de se iluminar o campo em que eles acontecem já os alteram completamente. Quando a gente vê essas coisas elas já não são como são; a própria luz, necessário à nossa visão, é um fenômeno que interfere no outro.

A chamada luz da publicidade tem, muitas vezes, o mesmo efeito. As criaturas humanas sentem, agem e reagem de certa forma; uma vez "focalizadas" começam a sofrer a influência da câmera, começam a olhar para cima para ver o helicóptero. Há delicadezas e pudores que são incompatíveis com a publicidade; a luz do "flash" lhes faz mal. Quando essa luz é procurada, é solicitada, então é porque toda a pureza primitiva, que acaso pudesse existir, já se perdeu. A imprensa, no fundo, passa a fazer reportagem de sua própria influência sobre as pessoas e os fatos; começa a refletir sua própria ação sobre a vida, não mais a vida...

Não sou católico, mas não fiz nenhuma dúvida quando um dia me pediram para batizar meu filho. Achei que na pior hipótese isso não poderia fazer mal nenhum ao garoto, como não me fizera a mim; além disso eu o "emprestava a Deus" em troca de uma roupinha nova... O menino foi batizado em uma igreja qualquer, na presença de quatro pessoas, e se isso não o ajudar a ir para o céu também não atrapalhará em nada sua vida na terra. Não tenho, assim, nenhuma implicância com o batismo, nem com outras cerimônias religiosas de vários cultos; essas cerimônias, de uma forma ou outra, sempre batizaram a vida humana, desde as tribos mais antigas.

Agora leio nos jornais que "milhares de pessoas assistiram ao batismo da Diacuizinha" — como antes milhares de pessoas assistiram ao casamento de sua pobre mãe. O jornal que fez a reportagem pensa que está "cobrindo" um batizado, e se engana: está fazendo a publicidade da publicidade, nesse círculo vicioso que a fraqueza e o cabotismo das pessoas cria em volta da máquina do repórter ou do microfone do locutor.

O pai da criança declara que aceitou o oferecimento de uma empresa de cinema para representar o papel de sua própria pessoa em um filme sobre sua própria vida. Usou a expressão: "o romance de minha vida". Esse rapaz não pode enganar ninguém, talvez ele próprio se engane; sua vida não tem romance nenhum, é apenas uma pantomima publicitária. Ele não precisa fazer a fita de sua vida; sua vida, pobre homem fascinado pela luz dos projetores, já é apenas uma fita de mau gosto.